

# Moda e Arte

publicado na revista dObras[ ] - edição 02/ fevereiro 2008

Que as exposições da Moda sofreram influência das formas de apresentação da Arte contemporânea é inegável. Um breve estudo desse fenômeno, e de suas consequências, é o foco deste artigo, que considera a noção de mercado, dividido entre produtores e consumidores, ampliada para a percepção de Moda como um regime de comunicação e criação.

## Convergências

Liberadas da tradição por Marcel Duchamp, no começo do século XX, as Artes Visuais avançaram com apetite sobre outros territórios, expandindo seus limites e possibilidades. Em um curto período de tempo, sucessivos movimentos decretaram o fim de categorias clássicas e respeitáveis como a pintura e a escultura, e tomaram posse efetiva de repertórios da ciência, da psicanálise, e também de outras formas de Arte como o teatro e o cinema. Mas, na mesma proporção em que ocupava outras áreas, a Arte também foi contaminada por elas, alterando as configurações que lhe davam um determinado corpo e sentido. Com os flancos expostos, mesclada a outras formas de expressão e pondo seus códigos em dúvida, ela passou a cortar a própria carne, tangenciando limites que a deixaram em alguns momentos à beira da dissolução, modificando seu papel no contexto cultural e renovando seus formatos.

A instalação e a performance são frutos típicos desse processo: modalidades de expressão alinhadas com a idéia de ultrapassar os limites do museu e da galeria para se plantar no terreno da vida, envolver o espectador e romper as barreiras entre ele e a obra. Elas são expansões do campo da Arte marcadas pela perda de status da técnica e do objeto em favor da idéia.

Instalação é ocupação ou construção de um espaço, que se utiliza de meios variados para constituir experiências que mobilize o máximo dos sentidos. Performance é ação, incorpora elementos do teatro, está visceralmente ligada ao corpo e ao movimento, pode prescindir de objetos e esgotar-se ao fim de uma apresentação. Não há regras que determinem quais recursos deveriam ser ou não utilizados em ambas, que compartilham o objetivo de colocar o espectador no centro da experiência artística.

Muitas das práticas envolvidas na instalação e na performance, entre tantas outras surgidas no terreno da Arte, vazaram para dentro do sistema de exibição do vestuário, atribuindo maior responsabilidade à ambientação, à dramatização e às mídias complementares.

O desfile, por exemplo, assumiu em maior grau a responsabilidade de comunicar estilos de vida e fixar a identidade da marca, minimizando a apresentação da roupa e valorizando a percepção de seus sentidos simbólicos. Além disso, adquiriu condições para ambicionar a qualidade de evento autônomo, potencialmente artístico e descolado de funções objetivas.

Enquanto a Moda se limitava apenas a incorporar novos recursos de apresentação ela não colocava suas estruturas em cheque. Mas a proximidade constante com a instabilidade experimental do terreno da Arte contemporânea trouxe para dentro de seu sistema questões até então inexistentes, abrindo espaço para se discutir os sentidos dos objetos e para validar experimentos com a impermanência técnica, que andam na contramão da lógica produtiva, que dá sustentação à Moda.

## Trânsitos

Apesar das facetas comerciais que assume, e não são poucas, a Arte atual opera minando os próprios meios e convicções. É avessa à sedimentação de recursos técnicos, e de linguagem, e reinventa-os sistematicamente como condição para se manter permeável e independente.



A Moda também assume formas diferentes para atender os ciclos sazonais, mas seu comprometimento com os mecanismos de mercado exige a estratificação do maior número possível de procedimentos e de valores, preservados sob o jogo das aparências, e conta com a manutenção de um significativo coeficiente deles para sua sobrevivência material.

No trânsito entre as duas áreas, é mais frequente que a Moda tome emprestado os muitos recursos de linguagem nascidos no contexto experimental da Arte, como as instalações e as performances, citadas anteriormente, que ela incorpora para potencializar suas verdades temporárias.

Trata-se de um relacionamento assimétrico. Não é de hoje que a irrupção da Arte no terreno da Moda é um grande acontecimento, e a mera referência a determinado artista ou obra, ou apenas a adoção de uma modalidade artística como veículo, funciona como um apressado atestado de qualidade para uma coleção.

No sentido inverso, não se contabilizam com o mesmo entusiasmo as contribuições da Moda para o universo da Arte. Mesmo quando acusamos as correlações da Moda com a evolução dos estilos históricos, e ainda que, inegavelmente, existam determinados designers de roupas cujas poéticas contribuíram ou contribuem para uma sensibilidade artística geral, a desconfiança da Arte em relação à Moda persiste

A Moda toma para si idéias geradas nas experimentações artísticas, e faz isso com extrema naturalidade, transformando-as em repertório próprio. O lado positivo é que isso faz dela uma diluidora exemplar de linguagens que de outra forma permaneceriam restritas a seu contexto original. Mas os agentes do sistema da Moda nem sempre parecem compreender exatamente com o que lidam, contentando-se em manipular apenas a parte que lhes interessa. Ao reduzir os mecanismos de investigação da Arte a acessórios úteis



e a serviço de um sistema comercial, reforçam a idéia de má fé e de superficialidade que circunda a Moda, por isso mesmo julgada e avaliada como forma de expressão cultural secundária. O que é justo só até certo ponto, considerando que, em um mundo que valoriza os trânsitos ilimitados e que evolui através deles, os elementos apropriados devem ser legitimados em seu novo campo. A Moda parece ser o mais receptivo deles, justamente pela maleabilidade dos critérios de adoção de novos procedimentos, pela rapidez com que os assimila e elimina, e fundamentalmente, pelo pragmatismo utilitário com que os simplifica, tornando-os manipuláveis e palatáveis para entendimento e uso genéricos.

É verdadeiro que essas apropriações não determinam algum tipo de qualidade. Mas, se não tratamos de uma crítica de resultados, e sim de um reconhecimento de processos, e aceitamos que novos formatos de expressão e perspectivas de pensamento devem correr livremente para o domínio público, é preciso admitir que a Moda tem cumprido bem esse papel e levado à risca a idéia de interdisciplinaridade.

## Contágios

Se há mais de um século a Arte admite a existência de obras que prescindem da materialidade para privilegiar processos e idéias, é o objeto pronto, e com função determinada, que dá sentido à Moda e de certa forma

a limita e a distancia do universo intangível dos valores da Arte. Os trânsitos entre estas duas áreas ficam portanto condicionados à observação dessas diferenças. Mas, continuamente expostas uma à outra, elas não escapam intactas desse contágio.

A Moda, que também é produtora de sentidos, articula-se como um sistema de linguagem; mas a sustentação teórica de estratégias comerciais, apoiadas no apelo de constituição de identidades através da roupa, tem sido uma das aplicabilidades mais notórias decorrentes dessa capacidade. E isso, convenhamos, pode gerar lucros, mas é pouco para uma atividade que reivindica mais respeito do que o que recebe.

Felizmente, paralelos ao sistema de mercado surgem espaços de recepção e divulgação de valores abstratos gerados no terreno da Moda, que preservam e veiculam manifestações que não são apenas adicionais de venda para formas pré-existentes, (ainda que possam exercer influência sobre elas), nem apenas material de estudo, mas que se apresentam como manifestações culturais de Moda, imateriais, porém relevantes para o sistema de mercado. É o caso de determinada linha de imagens veiculadas em editoriais de Moda em revistas de cultura contemporânea, que reforçam sua independência em relação ao sistema de marcas, distanciam-se do produto e operam como possíveis matrizes estéticas para novas configurações de gosto, sustentando-se por si só. Como pode acontecer com uma imagem na Arte, mas, como se referem ao universo da Moda e não se limitam a nenhum dos dois campos, constituem outro.

Poderíamos então falar efetivamente em um campo expandido para a Moda. Utópico? Mas que sistema criativo não se alimenta de utopias?

#### *Bibliografia de referência*

*Cauquelin, Anne, Arte Contemporânea, Paris, 2005. Martins Fontes.*

*Crane, Diana, A Moda e seu Papel Social, 2000, Chicago. SENAC*

*David, Márcia, Moda ou Moda?, São Paulo, 2007. Artigo, Usefashion Journal n 34*

*Garcia, Carol; Miranda, Ana Paula, Moda é Comunicação, São Paulo, 2007. Anhembi Morumbi*

*Lucie-Smith, Edward, Os Movimentos Artísticos a Partir de 1945, Londres, 2006. Martins Fontes*